VIVER E MORRER EM SANTOS

Bairro de Vila Matias - Quarta- feira, 22h30min.

A porta do sobrado se abriu. A senhora que surgiu na soleira aparentava pouco mais de cinquenta anos. Deu licença à jovem, que não tardou em entrar.

- Não mentiu ao telefone. Realmente, você é muito bonita!

A jovem agradeceu com um sorriso e ganhou o interior da casa. Quis se acomodar na primeira poltrona disponível, mas a senhora indicou o escritório, alegando que lá ficariam mais a vontade.

De porta cerrada, a dona da casa apresentou seu peculiar negócio:

- Não usamos nomes aqui. Chamam-me de "Madame". Discrição é tudo neste ofício. Minha casa é única! Trabalho de porta fechada. Isto significa que sou eu quem escolhe meus clientes; em sua maioria, senhores casados, com família constituída. Todos com mais de 35 anos e de alto poder aquisitivo. Por isso, minhas meninas têm de ser impecáveis.

A jovem recebeu aquilo com naturalidade e continuou a ouvir, atentamente:

- O cachê é de mil reais. Os encontros são aqui mesmo. Meus clientes não se incomodam de dispor de tal quantia. Eles mesmos chamam esta casa de *playground*. Gastam rios de dinheiro com suas esposas, seus filhos, e acham mais do que justo se permitirem a este desfrute. Quinhentos ficam

para você. Quinhentos são para a casa. Contudo, muitos deles gostam de presentear as meninas com bolsas, sapatos, roupas...

A jovem abriu um glamoroso sorriso.

- Quando posso começar, Madame?

Madame retribuiu o sorriso, mas logo tomou ares de precaução.

- Meus clientes não buscam esta casa atrás de um corpo, atrás de sexo. Isso outras casas oferecem. Minhas meninas são verdadeiras cortesãs, na estrita acepção da palavra. Cobrem um homem de carinhos e mimos. Por esta razão, elas têm que ser dóceis, delicadas, gentis, sem quaisquer reservas ou corpo mole. Que façam daqui um antro de luxúria. Que façam o papel de amantes, jamais de prostitutas. Dão ao homem aquilo que todo homem quer. Que o encham de estima, de vida, de furor. Que escutem seus problemas, que sejam sensuais, atenciosas, carinhosas. Não há relógios na casa. Que façam de tudo ao seu alcance para agradá-lo, pelo tempo que ele quiser. Que valham cada real gasto. É esse diferencial que me permite cobrar o que eu cobro e ter a melhor clientela da cidade.

A jovem deu a entender que concordava com tudo o que lhe fora dito.

Madame, percebendo a aceitação dela às premissas do contrato, passou a tratar de assuntos mais concretos.

- Dentre os meus clientes, há um por quem tenho um carinho todo particular. Está comigo há muitos anos – fez uma breve pausa e usou uma expressão caridosa. – Trata-se de uma pessoa especial. Um senhor que regula comigo em idade. Tempos atrás, foi acometido de um derrame que lhe paralisou um lado do corpo. Com tratamento,

recuperou partes dos movimentos, mas ainda carrega profundas sequelas. Asseguro que se trata de homem de fino trato, educado, culto, um amor de pessoa. Todavia, tal circunstância pode causar desconforto em algumas meninas. Por isso, ele faz questão que deixe isso claro, para evitar aborrecimentos. Quero apresentar você a ele. Alguma objeção?

Por instantes, a jovem tentou contemplar a cena. Poderia ser um jogo. Poderia ser um teste. Enfim, convenceu-se de que nenhum mal poderia ocorrer. No máximo, uma passageira situação desagradável, inerente àquela atividade. “Mas quem está na chuva é para se molhar”, pensou ela.

- Não. Por mim, tudo bem. Não tenho nenhum problema quanto a isso.

Madame assentiu e sorriu. Passou a mão no telefone e digitou os números.

***

Sociais do Estádio Urbano Caldeira – Vila Belmiro.

O jogo por uma das rodadas do campeonato paulista não empolgava. Edgar se entretinha muito mais com o refrão da torcida do que com o jogo, que se arrastava pelo segundo tempo em um enfadonho 0 x 0.

Em Santos nascer, viver, morrer.
É um privilégio
que nem todos
podem ter.

A torcida o animava, mas o jogo o desolava. Chegou a comentar sarcasticamente com um amigo:

- Se eu entrar, acho que jogo melhor do que todos eles.

Mas tudo aquilo estava para mudar, ao toque de seu celular. Esforçou-se para ouvir a voz do outro lado.

- Madame?... Que boas notícias traz?

- Professor. Tenho à minha frente uma pequena espetacular. Nota 10. Quero apresentá-la ao senhor em *avant-première.* Venha, não vai se arrepender.

Edgar se posicionou melhor na cadeira.

- Ah, Madame... Só a senhora para alegrar minha noite. Estou a caminho.

Com a ajuda dos presentes, passou pelas cadeiras, subiu as escadas, tomou o elevador. Já na rua, serviu-se de um táxi.

Apontou o endereço e o carro seguiu. Edgar e o motorista trocaram comentários depreciativos sobre o jogo e sobre aquele que já foi tido como o maior time da face da Terra. O técnico, a diretoria, os jogadores, ninguém era poupado. Lamentavam a sorte, em vão.

A rua era escura, mas o sobrado se fazia iluminado em cima e embaixo. Totalmente fechado, deixava a luz escapar pelas janelas de vidro indevassável.

O motorista, externando atenção e caridade, auxiliou Edgar no que precisou, a ponto de escorá-lo até a calçada, por mais que Edgar dispensasse tamanha gentileza. Com um breve aceno e palavras de ventura, os dois se despediram.

A porta se abriu e Madame ofertou o braço para o apoio de Edgar. Preciosa ajuda na subida dos degraus.

- Professor, ela está a sua espera. Se não for de seu agrado, o táxi de volta é por minha conta.

Edgar gesticulou com a mão, no sentido de que Madame não se incomodasse com aquilo. Sua preocupação era única:

- Reportou-a sobre meu estado?

- Certamente, professor. Mostrou-se dócil e compreensiva. Não pôs empecilho algum.

Sob o amparo de Madame, Edgar atingiu o quarto. Ao abrir a porta, a morena já se encontrava banhada, mas com a roupa de baixo, sentada na cama.

Ela sorriu. Ele também. Com o sinal discreto de Madame, a jovem levantou-se para ampará-lo. Entregue, Madame os deixou a sós.

A jovem varreu Edgar com os olhos. O lado esquerdo do seu corpo exibia as marcas. Mas era o braço, quase sem movimento, e o canto da boca repuxado que mais frisavam as sequelas do derrame. O apoio de uma muleta lhe era fundamental.

Firme no seu papel, a jovem lhe conduzia à cama.

Edgar, apontando para si, apresentou-se:

- Brad Pitt.

A jovem sorriu com ternura e resolveu entrar na dança:

- Angelina Jolie.

Acomodou-o na cama, forrando suas costas com travesseiros. Tirou a parte de cima da *lingerie* e pôs as mãos e a boca no serviço.

***

O sorriso estatelado de Edgar, ao sair do quarto, o denunciava. A jovem não o largava. Dando-lhe todo o seu apoio, conduziu-o até o escritório, deixando-o a sós com Madame. Na despedida, Edgar escorregou para ela duas notas de cem reais.

Antes que Madame perguntasse sobre o seu veredicto, Edgar se antecipou:

- Belíssima... Um homem necessita disto.

Madame sorriu e festejou. Efetuado o devido pagamento, Madame chamou um táxi. Na espera, Edgar se permitiu o seguinte comentário:

- Cobriu-me de mimos, afetos e atenção; me despiu e me vestiu. Além de linda, a pequena é um anjo! Uma namorada não seria mais dedicada. Não necessito de companhias ou companheiras e seus aborrecimentos. Na sua casa, sou um sultão.

Madame contribuía e fomentava aquele estado de espírito. Solidarizava-se a Edgar, na certeza de lucros vindouros.

Mas já em casa, um luxuoso apartamento no fim do Canal 3, perto da praia, Edgar desdizia-se. Sozinho em seu leito, a solidão cobrava seu intento. O cheiro da pequena lhe trazia alguém à memória. Com um filete de água nos olhos, perguntava-se:

- Veridiana. Por que me abandonou? Eu que lhe amava tanto.

Pergunta redundante. O espelho estampava-lhe a resposta nua e crua. Suspirava e buscava o sono.

***

Acordou sem a mágoa da noite anterior. Antes de abrir os olhos, vasculhou os pensamentos. Tudo estava em ordem. Não

havia nada a fazer. Privilégios de um homem solteiro, de meia idade, endinheirado, sem filhos. Lástima de uma vida sem sentido.

Repassou mentalmente suas contas. O excesso da noite passada não ia lhe fazer falta. Uma olhada nas notícias e outra no canal da bolsa de valores. O preço de suas ações ainda teria que maturar antes da venda.

Tudo bem, tudo tranquilo. A única preocupação daquele dia seria comida. Há tempos que desejava saborear um filé à caçarola. E, naquela cidade, ninguém preparava um filé à caçarola como o da Taverna da Cuca, lá no bairro da Encruzilhada. Haveria de ir de táxi, porque não entregavam. Mas qual o jeito? Os prazeres da mesa tinham seu preço.

A fome chegou e Edgar tomou seu caminho. Em função da hora, o local estava vazio, e ele pôde assim escolher a mesa de sua predileção. Tomou seu assento e aguardou.

- Bom dia, senhor. O que vai querer?

A voz era nova e o rosto também. E os olhos, como eram expressivos! Edgar poderia apostar que a pequena acabava de completar a maioridade. Pele linda, beleza de criança em corpo formado. Edgar sorriu, mas seu sorriso não encontrou resposta.

- Um bife à caçarola à moda. Que venha cortado, por favor.

A atendente apressou-se em anotar.

- Bebida?

Edgar, indeciso, lambeu os beiços.

- Uma cerveja.

Antes que partisse, Edgar a interpelou:

- Você é nova aqui? Nunca tinha lhe visto.

Sem desviar o olhar da anotação, a atendente respondeu:

- Fico na cozinha. Estou cobrindo buraco. Já cortei bifes para o senhor.

Finalmente ela riu, ainda que um riso sem graça. Sem pedir licença, retirou-se.

Observando-a atender às mesas, de lá para cá, Edgar não parava de segui-la com os olhos. E pôde constatar: possuía uma beleza natural incontestável. Quando se esticava, a barra da saia subia e surgiam as coxas delineadas. O contorno dos quadris, o tamanho dos pés, o rosto angelical, o formato das mãos, tudo nela o agradava.

Colocá-la no colo, ainda que de roupa, só para acarinhar, com o dorso de seus dedos, aquelas bochechas, equivaleria a ouvir um coro de anjos. Mas aquele era um prazer fora de cogitação. O seu comprometimento e a própria idade eram barreiras intransponíveis. Um prazer que, se estivesse à venda, ele não hesitaria em comprar, a que dinheiro fosse. Mas sabia, melhor do que ninguém, que se tratava de "coisa fora do comércio". Uma bela jovem com seus sonhos, alegrias e tristezas, vendendo sua força de trabalho por algumas centenas de reais ao mês e, por isso, merecedora de todo o seu respeito e consideração. Quantia que ele gastava por dia, sem se dar conta. E aquele afago no rosto que ele tanto desejava, ela guardava para um, ou até mesmo para alguns, que não ele.

Com o passar dos minutos, de tanto se fixar na jovem, constatou que o semblante de cansaço apagava toda sua beleza. Com tempo, Edgar notou: mais do que cansaço, era preocupação que afligia a menina.

"Cada qual com sua cruz. Um punhado de centenas de reais resolveria seus problemas e, quem sabe, quantos de seus sonhos poderia realizar? Acariciar o rosto dela, ao menos uma vez ao dia,

resolveria o meu. Dinheiro e amor. Água e azeite. Imiscíveis. Cruel e ilógica é a vida", pensou.

Solicitou guardanapos, depois outra bebida e, por fim, sobremesa. Entre um atendimento e outro, arriscou uma prosa.

- A moça bonita gosta de poesia?

Com tantos pensamentos na cabeça, aborrecimentos em sua maioria, respondeu ela a primeira coisa que lhe veio:

- Sim, gosto.

Com sorriso maroto, Edgar disse:

- Eu trarei uma poesia para você... Você se importaria de ler?

No mesmo espírito, ela falou:

- Não. Leio sim.

Edgar já tinha motivos para retornar à Taverna da Cuca naquela semana.

Com um sorriso mais aberto, ele perguntou:

- Então, pelo menos me diga o seu nome para uma dedicatória.

Sem sorrir, ela respondeu:

- Kelly.

***

Bairro do Rádio Clube. Naquela noite.

Kelly desceu do ônibus no ponto final. Teria mais vinte minutos de caminhada. Cinco no asfalto, quinze na terra batida por dentro da favela. Com a bolsa rasgada junto ao corpo, de braços cruzados, cabeça baixa e passadas largas, empreendeu a caminhada.

Já chegando em casa, pelo caminho habitual, uma voz conhecida, mas altamente indesejada, a chamou:

- Kelly, Kelly, Kellyzinha!

Sem parar, mas diminuindo o passo, disse:

- Não tenho nada mais com você. Vá embora.

O sujeito saltou do muro, alcançou-a e a segurou:

- Mas eu tenho muito que falar com você.

De cabeça ainda baixa, ela falou:

- Minha mãe não quer que eu ande mais com você...

Sem que ela terminasse a frase, ele a empurrou para junto do muro e forçou um beijo.

Ela simplesmente não resistia àquela pegada. Derretia-se. Ele estava suado, fedia, tinha o rosto barbudo ao ponto de arranhá-la. Mas como o desgraçado beijava! Não satisfeito na boca, avançava-lhe no pescoço, chegando a deixar-lhe as marcas dos dentes. As pernas se entrelaçavam e os colos se tocavam. Ela se permitiu àquele deleite por alguns segundos, parecia flutuar. Mas depois usou toda a sua força para o afastar:

- Sai, Paco. Que saco! Vai encoxar a tua mãe.

Paco a segurava pelos braços. Olhando-a nos olhos, fazia-se convincente.